

PEIXES

Devemos nos preocupar com o bem-estar dos peixes?

Gilson Luiz Volpato¹, Mônica Serra, Fernanda Pereira Corbeira da Silva, Graziela Valença-Silva, Caroline Marques Maia e Patrícia Tatemoto

Centro de Estudos sobre Bem-estar Animal – Depto. Fisiologia, IBB, UNESP – Botucatu, SP – ¹ volpgil@gmail.com (correspondência)

Há contradição entre as práticas de pesca e aquicultura e os conceitos de bem-estar em peixes? O crescente avanço da pesca e aquicultura no Brasil nos faz refletir sobre as formas como os peixes estão sendo, ou deveriam, ser tratados. De um lado, não há dúvidas de que boa parte da pesca e da aquicultura é fundamental para a espécie humana. De outro, talvez seja possível conciliar boas práticas de bem-estar na interação do homem com os peixes.

A utilização dos peixes pelo homem pode ser dividida em dois grandes blocos: as práticas que produzem alimento e as que utilizam os peixes para finalidades lúdicas (aquarismo e pesca esportiva). A produção de peixes para alimentação é genuína, pois atende ao preceito biológico de competição, o que justifica que o homem tudo fará para garantir sua alimentação. As práticas lúdicas merecem reflexão mais aprofundada. Em todos os casos, cuidados com o bem-estar dos peixes devem ser considerados se julgamos que tais animais estão sujeitos ao sofrimento.

A primeira grande questão é saber se os peixes sofrem.

Desde a década de 1970, estudos científicos têm revelado que os peixes percebem e reagem a estímulos dolorosos (nocivos).

Eles possuem estruturas corporais (fibras nervosas específicas) que são similares àquelas que nos humanos conduzem estímulos dolorosos. Essas estruturas foram descritas em peixes no início deste século por cientistas da Universidade de Edimburgo, na Escócia, e do Instituto Roslin, no Reino Unido.

Esses cientistas observaram, ainda, que os peixes reagem bruscamente a substâncias que causam dor nos mamíferos (ácido acético e veneno de abelha), inclusive raspando a região afetada nas pedras do aquário e aprendendo (uma atividade cerebral superior) a evitar tais estímulos. Constataram também que a reação a essas substâncias desaparece se esses peixes recebem, antes do estímulo doloroso, analgésicos poderosos como, por exemplo, a morfina.

Vale ressaltar que para a morfina agir é necessário que os peixes tenham naturalmente receptores a essa droga. Além disso, os peixes produzem substâncias (opióides endógenos) que reduzem a dor. Assim, é pouco provável que a existência desses receptores, que permitem a ação de substâncias naturais contra a dor, e dos opióides endógenos nos peixes seja mero acaso. É razoável que eles existam porque esses animais sentem dor. O que se sabe hoje é que as evidências científicas apontam para o fato dos peixes serem seres que sentem dor. Perceber situações agradáveis e desagradáveis é condição fundamental para qualquer ser vivo reagir adequadamente ao ambiente.

Contrariando a ideia de que respostas a estímulos nocivos em peixes ocorrem meramente por arco reflexo (respostas que não requerem processamento cerebral), diferentes grupos de pesquisa demonstraram que as informações provenientes de estímulos dolorosos são enviadas ao encéfalo e processadas. Todas essas evidências indicam que os peixes sentem dor. Mas note que no campo do bem-estar, não é apenas a dor o problema, e devemos nos preocupar com o desconforto que o animal possa sentir.

Como argumento final, fica aqui a questão: se você não se convenceu de que os peixes sentem dor, ou que podem sofrer, ressaltamos que não há nenhum estudo científico que demonstre que os peixes não sofram ou não sintam dor. Todas as tentativas que surgiram nesse sentido foram logo derrubadas por estudos científicos relativamente simples. Mesmo que permaneça a dúvida, veja a seguinte situação: temos mais evidências de que eles sofram do que não sofram e, então, você opta por poupá-los do sofrimento ou não? Afinal, na dúvida, é melhor julgar a favor do desfavorecido e, no caso, considerar os peixes como seres que podem sofrer com nossas práticas.

Estamos convencidos de que causar algum sofrimento aos animais para se obter melhora nas condições humanas é um ato aceitável. Esse é, inclusive, o pensamento que norteia a maioria das regulamentações sobre bem-estar animal no mundo. No caso de uma pesquisa científica que use animais, por exemplo, ela será aprovada

pelos comitês de ética se o objetivo da pesquisa mostrar que ela é muito importante e que os procedimentos causarão o mínimo de desconforto possível aos animais. Esse preceito deve ser imposto também em relação à pesca e a aquicultura. Obtenção de peixes para alimentação humana é uma atividade genuína e que deve ser feita zelando para minimizar, ao máximo, possíveis sofrimentos desses animais.

Considerando a produção de peixes, há diversos pontos onde os manejos podem ser melhorados. O estresse pela manutenção de peixes em condições inapropriadas reduz o crescimento, inibe a reprodução e suprime a imunidade, o que atesta condição desfavorável a esses animais. O abate, quando considerado inevitável, também deve ser conduzido com o mínimo de desconforto possível aos peixes (uso de gelo, quando adequado, e redução do tempo de sofrimento).

Mas como saber se os peixes estão em boas condições? Não é fácil. Se medirmos estresse, não garantimos, pois os peixes podem não estar estressados, mas em desconforto. Analise: todo animal não estressado, inclusive o humano, está realmente bem?

Estudos sobre cognição e estados emocionais nos peixes são numerosos e atestam que esses animais podem estar "mal" mesmo em condições em que os indicadores fisiológicos atestem ausência de estresse. De outro lado, estados fisiológicos de estresse estão presentes em situações que biologicamente são importantes para os peixes como, por exemplo, na reprodução natural. Além disso, quando sintomas de uma resposta de estresse se tornam visíveis ao produtor, como mortalidade, doenças, perda de peso, de apetite, falha reprodutiva, o dano já está instalado. Portanto, medidas preventivas são mais efetivas.

Uma alternativa interessante que se tem usado é o teste com alguns peixes para descobrir condições de sua preferência. Esses testes geralmente indicam condições que podem ser adequadas aos animais. Tais testes podem ser usados para saber a temperatura ideal, a densidade ótima, o grau de iluminação preferível, horários de alimentação, etc.

Como garantir, então, o bem-estar dos peixes? O cuidado no manejo é essencial, incluindo mão-de-obra qualificada que ofereça condições mínimas de conforto aos peixes. O simples fato de assumir que o peixe é um ser que sofre já ajuda a guiar as práticas. Observe-se, por exemplo, como fazemos com cachorros que cuidamos com amor.

Podemos garantir densidade de estocagem adequada, boa qualidade de água, alimentação com ração apropriada e fracionada ao longo do dia, manejos, como transporte, realocação e abate, feitos o mais rápido e cuidadosamente possível, etc. O produtor deve confiar

em seu bom senso e cuidar para que, ao longo de toda a cadeia de produção, ele tenha assegurado aos peixes o mínimo de desconforto, resultando não apenas em maior bem-estar para esses animais, mas também em bom desempenho e produtividade.

O que questionamos veementemente são as práticas com finalidades puramente lúdicas. Nesse caso, o aquarismo é mais aceitável que a pesca esportiva (pesque-e-solte). Enquanto no aquarismo o indivíduo zela pelo bem-estar do peixe, mas ainda o prende fora de seu ambiente natural, na pesca esportiva ele se diverte com o desconforto e sofrimento do peixe. O desconforto ao peixe, a fisgada, a luta pelo arraste imposto pelo pescador e permanência fora da água, é evidente e se justificaria pelo prazer do pescador em se divertir?

Consideramos que o prazer lúdico humano não deva ser motivo suficiente para que possamos impor sofrimento e desconforto a qualquer animal, incluindo os peixes. Vejam que gradativamente essas práticas vêm sendo abolidas da sociedade humana, como brigas de galo, touradas, rodeios, circos, etc.

O mesmo deve ocorrer em relação aos peixes. A velocidade com que isso se implanta numa sociedade depende da qualidade científica e cultural dessa sociedade e esperamos que isso seja acelerado no Brasil.

VIRTUOSA ANIMALIA

Um livro sobre a história da medicina veterinária paulista.

Vem aí o grande livro de nossa história.

Em 2014 a medicina veterinária, responsável pela refundação da pecuária nacional, completa 80 anos de existência no Estado de São Paulo. Quanta história para contar!

E ela será contada, pela primeira vez, num livro a ser lançado, em dezembro próximo, com o apoio do Conselho Regional de Medicina Veterinária.

Um livro de classe, como a nossa classe merece: ilustrado, capa dura, páginas a cores, que registrará fatos memoráveis que marcaram a nossa profissão. Estamos à procura de documentos e fotografias de grande valor histórico. Colaborem!

Mandem suas sugestões e/ou colaborações para a redação da APAMVET: adeveley@terra.com.br